

Arquivo Delfim Santos

FIDELINO DE FIGUEIREDO E
DELFIM SANTOS
CORRESPONDÊNCIA 1934-1957

1.^a edição

Lisboa
2016

Organização, estudo introdutório e notas:
FILIPE DELFIM SANTOS
Revisão:
FERNANDA DE FIGUEIREDO



Fidelino de Figueiredo



Delfim Santos

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Fidelino de Souza Figueiredo (1888-1967) e Delfim Pinto dos Santos (1907-1966) nasceram com 18 anos de diferença, o primeiro no penúltimo ano do reinado de D. Luís I, o segundo no penúltimo ano do de D. Carlos I – o que bem pode ser considerado um intervalo de uma geração, sobretudo tendo em conta que o mais velho perfez 21 anos (que então se considerava o pleno começo da vida adulta) em 1909, beirando o início da República, e que o mais jovem atinge aquela idade no Portugal já muito diferente de 1928, em vésperas do Estado Novo, quando aliás Fidelino se encontrava no exílio espanhol – desde 1927 até julho de 1929 – devido à sua participação na intentona de 12 de agosto de 1927 contra a Ditadura Nacional. Esta intentona, conhecida como o 'golpe dos Fifis', fora levada a cabo pela fação condotierista do Exército e visava promover Filomeno da Câmara a ditador e ministro de todas as pastas, com a participação ativa de Fidelino de Figueiredo enquanto Diretor da Biblioteca Nacional (de onde proveio a chacota com o duplo 'fi'),¹ sem esquecer o apoio ideológico do republicano António Ferro, jovem modernista integrante do grupo do *Orpheu*, de quem Fidelino muito se distanciará depois.²

Com a sua obra muito precoce e precursora do comparativismo literário, Fidelino de Figueiredo é o teórico da crítica e o historiador da literatura que sucede – em oposição – a Teófilo Braga (1843-1924), num campo em que se haviam destacado igualmente Oliveira Martins (1845-1894), Sampaio Bruno (1857-1915), Moniz Barreto (1863-1896), Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949) e Veiga Simões (1888-1954), entre outros.

Amnistiado em 1929, Fidelino viveu então em Portugal durante quase uma década, viajando muito. Irá ensinar no exterior durante a maior parte da sua vida, o que fez dele um dos *scholars* portugueses de mais vasta projeção internacional, quer como lusista, quer como hispanista, em Espanha, no México, nos EUA (em 1931 e em 1937) e no Brasil – em São Paulo desde 1938, com passagem pelo Rio

¹ Não confundir o 'golpe dos Fifis', ou a 'revolta dos Fifis', com a outra intentona de Filomeno da Câmara, esta de 18 de abril de 1925 e contra a agonizante Nova República Velha; curioso é comparar os *Diário de Lisboa* dos respetivos dias, constatando-se que a censura republicana foi bem mais radical no silenciar dos vestígios da primeira revolta, apagando várias colunas de reportagem e o texto da 'Proclamação', do que viria a ser a ação da censura da Ditadura perante a segunda, que saiu sem cortes – na edição do próprio dia 12.08.1927 pode ler-se a notícia da prisão de Fidelino e o relato das circunstâncias diretas que a motivaram.

² Sobre o Serviço de Propaganda por este criado com «*velhos amigos meus*» e sobre a própria ditadura de Oliveira Salazar veja-se FIGUEIREDO 1940.

de Janeiro em 1940-1941 e retorno à capital paulista, com longas intermitências em Lisboa, onde regressará definitivamente em 1951, ano em que morre o Marechal Óscar Carmona (18 de abril), instaurador da Ditadura Nacional contra a qual Fidelino participou no mal-gizado golpe de 1927.

Antigo examinador da Escola Normal Superior de Lisboa, extinta em 1930, Fidelino de Figueiredo continuou no serviço de exames de Estado do Liceu Normal de Pedro Nunes, examinando Delfim Santos em História, em 1934, quando este contava 26 anos. Eram esses exames que finalizavam o estágio de dois anos de preparação para o professorado liceal e facultavam a entrada na função pública. Ao ver o nome “Delfim Santos” surgir entre os candidatos ao ensino de História e Filosofia, Fidelino deverá ter recordado o seu próprio nome anagramático, «Delfínio», com o qual assinara as suas primeiras produções literárias entre 1905 e 1906, Delfim Santos não era ainda sequer nascido. Apesar de ter composto para si o anagrama «Delfínio», Fidelino nunca se rendeu à reforma ortográfica que Fernando Pessoa classificava como «republicana» e sempre arcaizou o nome de Delfim para «Delphim».

Lemos na entrada do *Diário* de Delfim Santos de 24 de julho de 1934: «*História – boa prova com Fidelino de Figueiredo*». É devido a esse exame feliz que se inauguram as boas relações entre ambos, inicialmente cimentadas por laços pessoais como a oferta de livros, a participação do casamento, a cumplicidade na rejeição do positivismo e do «*disparateiro nacional*».

Em 1935, ambos coincidem no Liceu de Gil Vicente, no primeiro e único ano completo de Delfim Santos como professor efetivo dos liceus portugueses. Depois Delfim Santos vai narrando ao seu amigo, a partir de 1936, os sucessos do seu périplo europeu principiado em Viena, sendo aconselhado por Fidelino de Figueiredo a ir para a Alemanha o que, apesar da ininteligibilidade da moderna filosofia alemã para o espírito português, seria um passo mais ou menos inevitável para Delfim Santos. Fidelino não deixa de lhe lembrar que há que voltar à pátria, e que é nesse retorno que todo o trabalho no exterior encontra justificação e sentido: «*Sim, porque todos temos de regressar...*». Também viria a ser este o entendimento do seu jovem amigo, que regressa definitivamente a Portugal em 1942.

O interesse de Delfim Santos pelo mundo ibero-americano é grande, até porque «*o melhor de nós próprios só com a língua materna o poderemos seguramente exprimir*». Concorde absolutamente com as palavras de Fidelino, que «*tem o dever de [...] publicar também em português e em Portugal. Para adquirir público mais vasto e mais interessado é que terá de os fazer publicar fora do país, mas sempre sem prejuízo da sua edição no país, em que nascemos e para cujo progresso mental devemos contribuir*».

Quando este cartão se translada para o Brasil, no ano de 1938, Fidelino acaba de inaugurar os estudos portugueses no Brasil em moldes universitários. Delfim Santos pede-lhe muito para publicar no Brasil e para ensinar por lá. Aparentemente a Filosofia não é das especialidades mais requisitadas por terras de Vera Cruz, dado que nada se lhe proporciona. Mas como esta amizade não vive do interesse, as relações não são abaladas por estes fracassos. O Brasil estava no destino de Delfim Santos, mas em outros termos, como adiante veremos. Assim mesmo Fidelino está atento e envia a Delfim Santos a extensa uma extensa resenha de um brasileiro ao seu livro publicado em Berlim, o que muito agrada ao Autor.

Premonitoriamente, Fidelino refere Hermann Hesse a Delfim Santos, que haveria de visitar o escritor alemão e tornar-se seu correspondente, promovendo a sua tradução em Portugal.

O magistério de Fidelino, inicialmente para uma pequena turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, criada segundo modelos europeus em 1934, acaba por frutificar em discípulos e em vocações: dez anos depois, em 1948, já Fidelino de Figueiredo propõe à Faculdade a criação do Instituto de Estudos Portugueses, que se concretizaria em 1955, após a sua saída do Brasil; em 1949, por obra de Hélio Simões, surgia em Salvador o ‘Círculo de Estudos Portugueses’, que em 1955 passou a chamar-se ‘Instituto de Estudos Portugueses’ – e a estes dois lusistas pioneiros (um português e um brasileiro) se ficou a dever a institucionalização dos estudos portugueses universitários no Brasil.³

Dá-se então o primeiro encontro *académico* de Delfim Santos com o Brasil (existia já uma relação por via da emigração nortenha de suas tias maternas e de alguns amigos de juventude), igualmente por via de um centro de estudos portugueses e brasileiros, desta feita o *Institut für Portugal und Brasilien in Berlin* da então *Friedrich-Wilhelms-Universität* – hoje a *Humboldt-Universität*, do nome do seu fundador, Wilhelm von Humboldt, o irmão do célebre naturalista, viajante e estudioso da Amazônia, Alexander von Humboldt. Este instituto berlinense, criado em 1936 – apenas dois anos antes da chegada de Delfim Santos à Universidade da capital alemã – fora o último dos dedicados à luso-brasilianística a surgir nas universidades germânicas como fruto de um notável labor científico e cultural de uma geração de pioneiros alemães lusistas e brasilianistas. O interesse pelo mundo lusófono principiara na virada do século em Hamburgo e frutificara depois em Colônia, Aachen e Bona.⁴ Naquele momento Delfim Santos encontra o Instituto « *muito mal entregue a um secretário alemão [Herr Lüber] que estraga tudo*», mas no âmbito das suas responsabilidades como leitor ele prepara uma profunda remodelação: «*neste segundo ano espero dar ao Instituto uma organização séria*».⁵ Cabia-lhe a responsabilidade de ministrar palestras, convidar e receber conferencistas e promover contactos entre o mundo alemão e o lusófono, divulgando escritores contemporâneos de Portugal e do Brasil: «*O que faço por cá?*

³ Em 1943 fora criado por Afrânio Peixoto, no Rio de Janeiro, o ‘Instituto de Estudos Portugueses’ mas sem ligação à universidade, pelo que as iniciativas de Fidelino de Figueiredo e Hélio Simões são precursoras da criação dos centros universitários de estudos portugueses nas universidades brasileiras: ver AMORA 1994 e PAIVA 2014. Delfim Santos viria a corresponder-se com Hélio Simões a propósito do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1959.

⁴ Todos estes institutos culturais cessaram as suas atividades em 1945, incluindo o Seminário de Hamburgo fundado em 1908 e aqueles que foram estabelecidos depois. No pós-guerra alguns lusistas alemães continuaram a exercer atividade nos seminários de romanística de diversas universidades, mas o luso-brasilianismo perdeu a força institucional que usufruía no panorama universitário alemão.; ver KALWA 2004, com várias referências às atividades de Delfim Santos no leitorado berlinense.

⁵ Em carta de D. S. para Luís Cardim de 19.12.38, OC 4, 1998, nº 125.

Obrigatoriamente algumas lições por semana sobre poesia contemporânea em Portugal⁶ e um curso sobre história e colonização do Brasil. Além disto, cursos de língua portuguesa. É assim que Delfim Santos renova o seu interesse pelo Brasil, a partir do seu posto no leitorado da capital alemã: terá de familiarizar os alemães com um Brasil literário e intelectual do qual ele próprio pouco conhece, conforme se queixa a Fidelino de Figueiredo: *«eu mesmo desconheço muito da vida intelectual do Brasil»*.⁷ Devido ao exemplo do seu Amigo, Delfim Santos entusiasma-se com a ideia de trocar o sufocante leitorado de Berlim e as suas condições duríssimas desde o início da guerra por um posto de professor de Filosofia na Faculdade da jovem Universidade paulista. Confidência a Fidelino o desejo de se juntar a esses mestres europeus que tinham ido para a grande metrópole sul-americana criar uma universidade de tipo francês. Trata-se da primeira tentativa documentada da longa e infrutífera busca de Delfim Santos por uma cátedra universitária na área filosófica.

Quando Delfim Santos regressa a Portugal no verão de 1942, contra a sua vontade, tem cada vez menos esperanças de se transferir para o Brasil. Dois anos depois é a vez de Fidelino de Figueiredo ensaiar um primeiro retorno:⁸ em 1944 encontram-se ambos em Lisboa e comentam os livros que vão escrevendo e enviando um ao outro. Entram em choque com José Ortega y Gasset, então também a viver em Lisboa, não só pelas dificuldades em entregar-lhe um livro de um admirador, mas porque Ortega foi realmente mal recebido por ambos.

Em carta de 21.05.1945, Fidelino escreve profeticamente ao seu Amigo: *«Desejo-lhe tudo bom, principiando pela saúde e acabando por uma próxima viagem à América do Sul... Não está esquecida essa hipótese»*. Como previu Fidelino, a viagem não iria ser propriamente para o Brasil e sim para América do Sul, mais concretamente para a Argentina, ainda que com passagem pelo Rio de Janeiro. Mais quatro anos seriam necessários para este vaticínio se cumprir.

Em junho de 1945 Fidelino está de volta ao Brasil e de novo são aí goradas as expectativas profissionais de Delfim Santos, que em 1948 faz uma viagem à Europa que o deprime, encontrando um mundo que não era mais o que ele conhecera no entre guerras. Ainda arrisca pedir uma bolsa para os EUA para 1949,

⁶ Delfim apoiou o grupo de jovens seus coetâneos da revista *Presença* que tinham sido seus condiscípulos durante a licenciatura no Porto, caso de Adolfo Casais Monteiro, e no estágio em Coimbra, João Gaspar Simões. Por alturas desse estágio já José Régio estava em Portalegre, mas mantinha quarto e contactos em Coimbra, cf. carta de D. S. a José Marinho, SANTOS 1998, nº 53, de ago./set. 1956: *«Quis escrever ao Reis Pereira [...] (b) dá na poesia alemã muita coisa que lhe interessaria» [...] «De todas as revistas só naturalmente a Presença nos pode interessar»*. Também escreve a Gaspar Simões, *ibid.* nº 68, de 19.11.37: *«Em breve far-se-á a encomenda da coleção da 'Presença' [...]. Nada encontrei aqui da nossa geração e vou suprir largamente essa falta. Aliás o ambiente é grandemente favorável a esse intento»*.

⁷ Situação diferente se registaria alguns anos mais tarde, quando os rotários de Lisboa convidam Delfim para uma palestra sobre *«qualquer assunto que esteja ligado ao Brasil, por virtude de umas homenagens que desejamos prestar a esse país»*, conforme se lê em carta do Conde de CARIA com data de 07.11.52.

⁸ *«De regresso da América, onde durante anos consecutivos – principalmente nos Estados Unidos e no Brasil – proferiu inúmeras conferências e lições sobre aspetos e problemas da Literatura Portuguesa, encontra-se agora em Lisboa o Prof. Fidelino de Figueiredo»*, ANON. 1944.

da qual desiste, aliás prevenido pelo seu Amigo de que seria uma escolha errada. Ambos partilham a desconfiança por aquela América triunfante do pós-guerra.

Por razões de saúde, Fidelino regressa definitivamente a Portugal em 1951 e no ano seguinte, em 1952, Delfim Santos visita-o no Hospital de Santo António do Porto, onde ele esteve internado.⁹ E em 1955 apresenta publicamente a obra fideliniana *Música e pensamento*, publicando uma resenha cinco dias depois. Aí consagra Fidelino como um «*humanista profundamente humano*», testemunhando-lhe uma «*amizade em convivência tão fundamentalmente envolvente e sugeridora de aperfeiçoamento*».¹⁰

Entretanto, após uma década em Portugal, onde Delfim Santos ia *coleccionando angústias*, como nos diz na carta de 03.06.1954, tinha chegado a sua vez de conhecer finalmente o Brasil em agosto desse ano, onde vive uma revelação e de onde *não consegue voltar* em termos emocionais, segundo nos diz na carta de 25.02.1955. Esta missiva é valiosa e cheia de *inconfidências*, como o próprio Delfim Santos nos diz. Compara a sua vida com a de Fidelino e só encontra nela cansaço e frustração, o fracasso matrimonial, talvez o paternal também. Vê na esposa e enfermeira dedicadíssima de Fidelino um exemplo, na família dele um modelo. Um ano depois, em 16.08.1956, insiste em que é alguém que «*já não acredita em muita coisa em que acreditou e se vai ajustando à inevitável resignação produzida pela frustração que nos ameaça, que sempre nos ameaça*». Fidelino discorda, em carta escrita no dia seguinte: «*Aquele sentimento de melancolia, que se trai na sua carta, não me parece muito legítimo num homem, como o Delphim, que de tal maneira se afirma e brilha, e num mundo tragicómico...*».

Quais foram as bases intelectuais que aproximaram estes dois homens de gerações tão diferentes? Ambos se desiludiram de ideários políticos e sociais assumidos num primeiro tempo. Fidelino fora católico e monárquico, integrando-se depois no sidonismo e em seguida na procura de um novo Sidónio que entreviu em Filomeno da Câmara, que fosse capaz de conduzir o país para uma ditadura militar de tipo carismático – cuja oportunidade única, porém, se havia perdido. Ciente de que os rumos depois seguidos não eram os mais desejáveis, abandonou a política, como aliás a nova Situação desejava: que os homens de pensamento se ocupassem unicamente do Espírito. Delfim Santos não seria tão favorável ao papel político dos militares, nem provinha de família castrense como Fidelino de Figueiredo.

Ambos partilharam o combate ao positivismo reinante da Universidade portuguesa, cuja Faculdade de Letras de Lisboa, onde Delfim Santos acabou por ser cooptado, Fidelino de Figueiredo chama, neste carteio, depreciativamente «*escola*». Também se interessaram ambos pela obra de Hermann Hesse, coincidindo igualmente no interesse por uma etnopsicologia do povo português, a que Delfim Santos chamaria «*caraterologia cultural*» e Fidelino «*ensaio de interpretação da alma*» nacional.

Grande escritor de cartas (o acervo passivo conservado ultrapassa as 11.000), editor de epistolografia, Fidelino de Figueiredo teve a intenção de destruir a

⁹ Carta de D. S. a Casais Monteiro de 29.08.52.

¹⁰ SANTOS 1955a.

correspondência recebida, intenção de que foi demovido pelos seus familiares.¹¹ No caso da correspondência com Delfim Santos apenas se teria salvo a fase europeia, já que este guardou cópias das cartas que enviara de Viena e Berlim, mas somente destas.

A última carta manuscrita de Fidelino de Figueiredo é de 1955. Em 1956 já aparece uma missiva datilografada. Em 1957 apenas um cartão, de grafia distinta, que foi certamente grafado por sua Esposa. A partir daqui a voz de Fidelino perde o seu som para Delfim Santos, embora o mais velho apenas venha a falecer de esclerose múltipla de placas uma década depois, em 1967 e um ano após a intempestiva morte do mais jovem. O assento de óbito dá-nos Fidelino como «*Professor do Liceu, aposentado*» – há 30 anos que já não exercia no ensino liceal.

Delfim Santos chama «mestre» a Fidelino e é bem parco a conceder este título, que reserva para uns poucos homens da estatura de um Henri Bergson ou de um Hermann Hesse entre os estrangeiros, ou para Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, ou Teixeira Rego, entre os portugueses. Esse reconhecimento, essa admiração, dizem-nos muito sobre ambos. Sabemos que Delfim Santos não aceitava o discipulado como uma relação passiva, mas que para ele o verdadeiro mestre era um mestre de mestres, e não de discípulos. Foi isso que Fidelino teve o raro condão de ser, quer no Brasil, quer em Portugal, auxiliando as vocações dos mais jovens, em espírito de grande abertura e generosidade. Foi deste modo que deixou uma duradora impressão em Delfim Santos, o seu examinado de 1934.

Filipe Delfim Santos

¹¹ RODRÍGUEZ 2012.